

# "FASCIOLA HEPÁTICA" JÁ CONTAMINA HOMENS E ANIMAIS NO ESTADO

Reportagem: Martinho Santafé  
Fotos: Zalmir Gonçalves

A Fasciola hepática já chegou no município de Bom Jardim, no Estado do Rio, onde foram constatados dois casos em homens, acreditando-se que os rebanhos da região também estejam contaminados. Mas, nos laboratórios do Instituto de Biologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no Km 47 da Rodovia Presidente Dutra, seis parasitologistas estudam o ciclo evolutivo da praga que está assolando gado e homens, encontrado nos moluscos aquáticos *Tymnaea columella* e *Tymnaea cubensis*, o único meio de sobrevivência, daí partindo para o capim e hortaliças, infestando quem osingere.

So em Três Rios e Petrópolis a equipe da UFRJ, do Instituto de Pesquisas Agropecuárias Centro-Sul, órgão do Ministério da Agricultura, e do Grupo Executivo de Pesquisas Agropecuárias, da Secretaria de Agricultura do RJ, constatou um índice de 31,2% de casos de Fasciola hepática no gado bovino, pertencente a fazendas importantes de criadores como as Reunidas Duvivier, de gado leiteiro de raça. O parasito que penetra através dos alimentos no organismo animal, se aloja nas vias biliares e reduz consideravelmente a produção do gado de corte e leiteiro, está causando prejuízos aos criadores e, caso prossiga disseminando em outros rebanhos, poderá determinar a carência do produto no mercado consumidor.

## CASOS AUTOCTONES

"No início das pesquisas — explica o Dr. Hugo Edison Barbosa, da UFRJ — tivemos conhecimento de casos de Fasciola hepática em Taubaté e Lorena, na fronteira de São Paulo com o RJ, no gado e nos homens. Depois verificamos casos autóctones aqui no RJ, o que nos fez coletar dados em cada propriedade de Três Rios.

Paraíba do Sul e cidades vizinhas, onde 10% dos animais nascidos e criados na região (acima de três anos) eram examinados".

— Por encontrarmos porcentagem relativamente alta, examinamos as fontes de água, onde fomos encontrar as duas espécies de moluscos — a *Tymnaea columella*, tipo já conhecido, com aproximadamente 19 mm de altura; e a *Tymnaea cubensis*, pela primeira vez descrita no Brasil, medindo aproximadamente 6,7 mm de altura — onde o miracídio (larva do parasito) penetra e completa o seu ciclo para depois impregnar em folhas. A primeira espécie completa o ciclo em sessenta dias; a segunda em trinta dias, acelerando o processo de infestação.

## CICLO EVOLUTIVO

O Fasciola hepático é disseminado através das fezes do animal contaminado, que expõe ovos nos pastos. Estes ovos eclodem e surgem os miracídios (larvas cheios de cílicos), que penetram nos moluscos da espécie *Tymnaea*, e onde se processa a sua evolução, em quatro fases distintas: esporocisto; rédeas; rédeas filhas; e cercária. Daí o produto final da evolução do parasito sai dos moluscos e encistam (aderem) nas folhas, capins e hortaliças, criando uma resistência e forma infestante (metacercária). Os parasitologistas não aconselham o consumo do agrário (legume predileto do parasito) e da alface crua, pelo menos nas regiões infestadas.

## CONTAMINAÇÃO

O Estado do Rio foi dividido em duas regiões: a equipe da UFRJ e do IPEACS examinam casos em Três Rios, Petrópolis, Paraíba do Sul e cidades vizinhas, até a fronteira com São Paulo. Na outra região, compreendendo o norte e centro-leste do Estado do

Rio, as pesquisas estão sendo realizadas pelo Dr. Plínio Antônio Costa, do GEPA, órgão da Secretaria de Agricultura do RJ. No município de Bom Jardim foi constatado dois casos de Fasciola hepática em homens, tendo deslocado uma das equipes para o local, pois acredita-se que os rebanhos também estejam contaminados.

— Ao contrário do que possa parecer, não há nenhuma possibilidade do homem ser infestado pela Fasciola hepática, através da ingestão da carne do gado contaminado. No matadouro — explica o Dr. Hugo — todo o fígado infestado pelo parasito é retirado do consumo, porém o restante da carne poderá ser aproveitada, sem maiores conseqüências. Nos matadouros clandestinos, onde não existe a presença de veterinários fiscalizadores, o órgão afetado terá maiores possibilidades de ser remetido para os açougues, porém o consumidor logo notará a diferença na cor e na forma".

— A infestação no homem prosseguiu, se dá pela ingestão de legumes crus, onde a cercária fica encistada. Não há, logo de início, nenhum indício que manifeste no homem a presença da Fasciola hepática. Tudo vai depender do número de parasitos, da resistência do doente. So em caso de grande número de parasitos, o fígado estará predisposto a ser destruído".

O parasitologista da UFRJ explica, também, que os parasitos têm por objetivo "viver às custas do seu hospedeiro — homem ou animal —, e não matá-lo. Muitas vezes temos rebanhos aparentemente normais, porém como eles estão parasitados, produzem muito aquém daquilo que poderiam produzir".

No setor ecológico, o Dr. Manoel Pimentel Neto, do IPEACS, órgão do Ministério da Agricultura, acrescenta alguns dados na luta pela erradicação dos moluscos onde a Fasciola sobrevive: "Os estudos neste setor prosseguem para ver quais são as condições ecológicas ideais para o desenvolvimento dos hospedeiros do molusco".

Ele prossegue: — É a fase do tratamento estratégico, que consiste em saber em que estação do ano é mais favorável para o desenvolvimento do molusco. Se não houver tal molusco, não haverá parasitas Fasciola e, se diminuir a quantidade de moluscos, diminuirá também os miracídios, que se sobrevivem no interior deles".

Localizadas as regiões afetadas pela Fasciola hepática, os parasitologistas combaterão os moluscos e tratarão dos bôvinos, com objetivos de, respectivamente, impedir a evolução dos miracídios e erradicação dos ovos expelidos nas fezes bovinas. "Depois veremos qual o anti-helmintico de maior eficiência sobre as formas adultas e imaturas — diz o Dr. Manoel Neto — pois os medicamentos para o tratamento precisam ser testados nas nossas condições, e aplicados dentro das normas epidemiológicas da região".

Participam das pesquisas os Drs. Manoel Pimentel Neto, Silvino Nuernberg, Gilson Pereira de Oliveira, do Instituto de Pesquisas Agropecuárias Centro Sul; Drs. Hugo Edison Barbosa de Resende, Rubens Pinto de Mello e José Luis de Barros Araújo, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; e Dr. Plínio Antônio Costa, do Grupo Executivo de Pesquisas Agropecuárias, da Secretaria de Agricultura do RJ, em Niterói.